

Resenha

Paradigmas do cotidiano: introdução à constituição de um campo de análise social (TEDESCO, João Carlos-2. Ed-Santa Cruz do Sul: EDUNISC. Passo Fundo: UPF, 2003.200p.)

Sergio Melquior Barbosa da SILVA¹

Paradigmas do cotidiano (2003), importante obra de referência para os estudiosos do cotidiano, tem a apresentação de Astor Antônio Diehl, doutor em teoria, metodologia e didática da história. Em sua apresentação, Diehl observa que o autor João Carlos Tedesco procura mostrar os campos epistemológicos e metodológicos do que podemos denominar de pressupostos do cotidiano e da cotidianidade.

Diehl enfatiza que Tedesco realiza uma busca detalhada, procurando esclarecer as variadas formas de racionalidade e sua complexidade, exigindo para tanto, um rigoroso exame dos modelos instrumentalizados e uma releitura dos pensadores modernos, ressaltando as suas concepções de progresso, temporalidade linear e o contraponto da relatividade e provisoriidade do cotidiano.

Ainda na concepção de Diehl o autor busca “reestabelecer relações dialéticas recíprocas e de implicações entre os fatos” (p.9), diminuindo as tensões entre as polarizações radicalizadas, e buscando entender o cotidiano dentro de um conceito histórico, político e cultural, através de pressupostos metodológicos na busca de reconstruir a existência da sociedade.

João Carlos Tedesco é doutor em Ciências Sociais e professor da universidade do oeste de Santa Catarina. Na presente obra, além da apresentação seguida de introdução, temos duas partes, sendo a primeira contemplada com dois capítulos e a segunda com quatro.

Na introdução, o autor se preocupa em problematizar o cotidiano e a cotidianidade, buscando mapear o objeto e apresentar pressupostos analítico-metodológicos de apreender os processos que constituem o cotidiano. Pois há correntes que identificam o cotidiano como uma apreensão da pós-modernidade, do pluralismo dos métodos moles, e outras que visualizam pelo viés da dialética, da racionalidade técnica e burocrática.

¹ Aluno Regular do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGC/UFPB).

Diz Tedesco que nessa ambivalência se inserem os paradigmas da sociologia da vida cotidiana, para instituir o seu campo de estudo. Seguindo essa vertente, as várias correntes que compõem o campo da sociologia do cotidiano, (que o autor discorrerá nos próximos capítulos) retomam a noção de senso comum, como o alicerce da episteme das suas teorias.

A abordagem polariza-se em duas vertentes: a fenomenologia e o marxismo, buscando bloquear preconceitos e reducionismos que amíuda a compreensão do cotidiano. A utilização do senso comum servirá como pré-requisito para a análise do vivido, com objetivo de dialetizar a *práxis* cotidiana e construir um referencial teórico-metodológico para operarmos uma crítica dos processos que constituem e redefinem o cotidiano.

No primeiro capítulo, *o campo em constituição*, o autor estabelece a formação do campo sociológico do cotidiano, inteirado de que um campo conceitual deve tomar consciência de sua identidade interna que a difere de outros campos, observando a dualidade que sempre permeia a maior parte das filosofias sociais.

Tedesco observa a sistematização, o holismo e a estruturalidade, em contraposição à atomização, a subjetividade, a fenomenologia. A primeira tematizando a coercitividade das ações sociais, representada por Durkheim, Parsons, Luhmann, e a outra buscando a compreensão e significação do comportamento e das ações sociais.

Contribui o autor na observação que enquanto campo de análise o confronto entre modernos e pós-modernos gera um embate conceitual, que coloca a sociologia do cotidiano em franca expansão, porém, “seu objeto carece de uma melhor definição e seu campo de intervenção tem limites problemáticos”, como nos diz Balandier (p.20).

Se pela ótica marxista o estudo deve partir do homem pela sua vida real, pelo prisma do estudo do cotidiano nos valem das banalidades da vida, que se materializa nos atos de reação e resistência social. O autor vê os pequenos episódios, “os fatos *sons prestige*”, constituírem a substância do cotidiano mesmo inseridos numa esfera maior.

Tedesco insiste na idéia de que o estudo crítico do cotidiano deve ser relacionado ao indivíduo histórico, ou seja, que tenha sua análise feita num contexto das suas ações dentro de um momento histórico-social seguindo uma linha também compartilhada por Lefebvre.

No segundo capítulo, *os precursores do campo*, o autor revisita os clássicos, procurando estabelecer a conexão entre estes e os autores da sociologia do cotidiano. Tedesco ressalta que os pressupostos durkheimiano permitiram instituir o debate sobre a vida cotidiana. Halbwachs, um seguidor de Durkheim, afirma que "História e história de vida são indissociáveis" (p.34).

O autor também observa o pensamento simmeleriano como um dos primados da interação, em que as orientações recíprocas do contrato social, atuam como um meio e não como um fim nas relações interacionistas, sendo a realidade social construída a partir de processos de socialização. Noberto Elias segue passos próximos ao de Simmel, porém, analisando os mecanismos de socialização através de suas realizações históricas.

Husserl, outro autor contemplado nessa escavação, auxilia, através da fenomenologia, o entendimento da sociologia da vida cotidiana, por meio da ideia de substrato de *habitus*. A fenomenologia explora a intersubjetividade e intercomunicação face a face. Garfinkel, ideólogo da corrente etnometodológica, se amparou em Schultz e em Husserl, na construção dos seus pressupostos.

Decerto, os vários autores sobre várias perspectivas, elaboraram o campo da sociologia do cotidiano, não obstante a plêiade de olhares sobre o objeto, Tedesco se debruça sobre aqueles promotores de episteme que se inserem na ótica do sujeito, do senso comum, da intersubjetividade, da interação, do conflito e do mundo da vida.

No terceiro capítulo, *o interacionismo simbólico*, autor aborda a corrente interacionista, que nasceu nos Estados Unidos na década de 1960, orientados por Goffman, Garfinkel, Cicourel, entre outros na universidade de Chicago que reorientaram o interacionismo para a etnometodologia.

Para Tedesco, Goffman preocupou-se em entender como a co-presença física do indivíduo numa relação podia alterá-la, através das probabilidades, estratégias e os imponderáveis do cotidiano, que são pilares básicos para análises dos interacionistas. A desatenção cortês com o óbvio, os jogos, as inversões de papéis constituíram o acervo e a matéria prima da sociologia goffminiana.

No quarto capítulo, o autor foca a etnometodologia, que tem como destaque Garfinkel, fundamentado em Parsons, Husserl, Schultz e Merleau-Ponty. Para Tedesco, "a etnometodologia preocupa-se com os modos e os métodos com os quais os indivíduos tornam racionais e explicáveis suas experiências cotidianas." (p.89).

A corrente também aborda o sentido comum utilizado nas práticas cotidianas. O que é interpretado como fatos naturais da vida, na verdade constituem sólidos fatos da vida cotidiana. A etnometodologia não valoriza muito as determinações normatizadoras, mas sim os significados emergentes do sentido comum.

Tedesco atesta que os autores no campo da etnometodologia analisam vários aspectos, tais como indexicalidade, reflexividade, descrição, membro, regra, estranhamento e a cláusula do etecétera,” também chamado de consenso de fundo” por Cicourel (p.109), e que não obstante as críticas, a etnometodologia cada vez mais ganha espaço no mundo acadêmico como uma corrente teórica e um instrumental metodológico.

No penúltimo capítulo, *o presentismo formista de Maffesoli*, o autor deixa claro que a escolha referenciou-se, pelo grande número de citações em trabalhos científicos, pelas polêmicas que suscita e por interpretar alguns dos clássicos da sociologia em seu quadro analítico, tais como Simmel – nas formas sociais, Pareto – nos resíduos –, Weber – na sociologia compreensiva – Durkheim – nas formas coletivas e da solidariedades –, e Schultz – na tipicidade – entre outros.

Observa Tedesco, que Maffesoli encontra-se num quadro referencial simmeliano, que procura entender as intencionalidades que norteiam a vida cotidiana dos atores sociais tecendo crítica as abordagens sociológicas que reduzem o mundo social ao mundo da produção, especialmente de cunho marxista e funcionalista.

Por outro lado, contribui o autor, que a não percepção da razão instrumental, a colonização do cotidiano, a emancipação pela razão, a problemática das lutas de classes, e seus inúmeros desdobramentos sob a ótica do capital, da sociedade e do mercado, é no mínimo, estar fora da tão propalada aldeia global, sendo essa a justificativa do autor para escrever o último capítulo.

No último capítulo, *o cotidiano numa vertente de tradição marxista*, Tedesco imprime uma análise mais estrutural e crítica do âmbito social, ele aborda o estudo do cotidiano sob a perspectiva da tradição marxista, amparado em Lukács, Lefebvre, Heller e outros autores oriundos da escola de Budapeste, que contribuíram inequivocamente para a renovação do marxismo.

Observa o autor que Lefebvre e Heller tematizam o indivíduo, a rotina e a reprodução das relações sociais no cotidiano como lugar de embate entre o concebido e

o vivido, no trabalho, no lazer e na família, emoldurado no mundo industrializado e urbanizado, segue, pontuando as idéias que contribuem para o entendimento de apreensão da vida cotidiana na ótica marxista.

Nas considerações finais, o autor arrebanha os aspectos teóricos por ele visitado e reitera a sua preocupação de mostrar, através das fontes e dos comentadores, as diversas maneiras de apreender o momento da teoria sociológica do cotidiano.

Tedesco deixa claro que a ênfase na abordagem marxista ocorreu por entender que “suas análises complexificam o cotidiano e mostram os elementos alienantes, fetichizantes e colonizadores dessa dimensão vital, assim como resgatam elementos libertadores e insistem na transformação radical das estruturas sociais reprodutoras da forma como se organizam as relações e os convívios sociais.” (p.186).

O livro do professor João Carlos Tedesco esclarece o leitor sobre as diversas vertentes utilizadas para problematizar os aspectos da sociologia da vida cotidiana. Traça uma abordagem a partir dos clássicos e continua tecendo as interligações com os teóricos contemporâneos que se debruçam sobre o estudo da vida cotidiana.

Para o autor é importante abordar o que para ele seriam as principais teorias que levariam o entendimento do objeto, sem no entanto prescindir de se alinhar com a corrente marxista, uma das correntes abordadas no livro, e que no seu entender, teria uma maior dimensão compreensiva na problematização do cotidiano.